

**Anistiado político: NESO NATAL**

**Data de nascimento: 04/11/1942**

Desde os seis anos de idade, em Goiandira, tive uma influência muito grande do Juca Ferreira, que era do Partido Comunista e trabalhava na farmácia com meu pai. A farmácia era o centro onde as pessoas se encontravam, onde se conversava. Na II Guerra Mundial as pessoas se encontravam na farmácia para comentarem sobre o nazismo, o fascismo. Então, desde muito pequeno eu percebia que tudo girava em torno dessa conversação. Logo depois, na mesma época, aconteceu a campanha o “Petróleo é nosso”. Essa luta pelo petróleo foi muito interessante. Construíram uma torre enorme em Goiandira, a torre foi colocada à noite, no dia seguinte o prefeito mandou derrubar, mas a persistência dos comunistas era grande e levantaram a torre novamente.

Na época as perseguições eram enormes, eram perseguições e torturas. Eles raspavam a cabeça dos comunistas, passavam piche, rancavam unhas com alicate. O Santos é da região, e Tibúrcio lá de Catalão. A concentração e influência na região eram muito grandes. Goiandira foi a porta de entrada do partido, vindo de Uberlândia e Araguari. O partido veio através da Estrada de Ferro que é Goiandira, Catalão, Ipameri, terminando em Anápolis. Foi um grande acontecimento, e pra mim foi muito importante.

O primeiro secretário do Partido Comunista foi o Abraão Isaac, que era de Goiandira, e a Carmem, irmã dele.

Eu vivi em um ambiente em que só se falava em socialismo, na invasão da Coreia pelos os Estados Unidos. Sempre se falava na miséria, na pobreza, na desigualdade; eu sempre ouvia sobre a luta pelo Socialismo, sobre Stalin. Inclusive, Stalin era tido como um Deus; era o papai Stalin, vovô Stalin.

Uma coisa interessante é que eram poucas as pessoas que tinham rádio naquela época, e na farmácia tinha um rádio que o pessoal ouvia, e tinha um mapa. Eu praticamente não me lembro da II Guerra Mundial, pois sou de 1942 e a guerra iniciou-se com a invasão dos alemães à Rússia em 1941. Embora a guerra já houvesse começado antes, a invasão de fato se deu em 1941 estendendo-se até 1945. A Rússia foi vitoriosa, porém perdeu mais de vinte milhões de pessoas na luta, entre soldados e civis. Existem historiadores que afirmam que esse número foi ainda maior. Foi um povo que muito sofreu no período da II Guerra Mundial. Comentava-se muito sobre isso, sobre o desenvolvimento do Socialismo, sobre o crescimento do Bloco Socialista.

Meu pai participou do movimento da tomada de Ribeirão Preto, em 1932, da Revolução Constitucionalista que foi a luta de São Paulo contra Getúlio Vargas. Inclusive meu pai tem fotografia da época. Eles ajudaram a tomar a cidade de Ribeirão Preto, Goiás também participou desse movimento contra os paulistas.

Goiandira era o centro e tinha muita influência árabe dentro do partido. O arquiteto Puri, de Araguari, o próprio Juca Ferreira, também, de Araguari, que se formou no Rio de Janeiro e veio trabalhar com meu pai. Esse foi um grande centro de formação para mim.

Na época existia uma UDN muito forte. Eram a UDN, o PSD e o Partido do Ademar de Barros.

Meu pai foi candidato pelos comunistas em Goiandira. O prefeito que mandava na cidade era chamado de Coronel, Coronel Sinfrônio; ele também era candidato e era apoiado por Pedro Ludovico.

Havia um comício programado para Nova Aurora, uma cidade próxima a Goiandira, com a participação de Pedro Ludovico, Getulino Artiaga, entre outros. Aconteceu um grande tiroteio por parte do pessoal que não queria que fizessem o pronunciamento, foi tudo na base da violência. Isso aconteceu nos anos 50. Pedro Ludovico não foi atingido no fogo cruzado, mas Getulino, que era amigo e secretário de Pedro, foi atingido e morreu nessa época.

## **MILITÂNCIA**

Eu tinha muito contato com o pessoal de esquerda dentro da UGES – União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Participava de congressos e, como já tinha uma tendência, procurava participar de uma organização revolucionária. Entrei nessa organização revolucionária, que era o Partido Comunista Brasileiro, na ânsia de fazer revolução, muito influenciado pela Revolução Cubana, pela Guerra do Vietnã, pela Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917, que influenciou várias democracias e países no mundo.

Eu achava que tinha que participar de uma organização, e essa organização era o Partido Comunista Brasileiro. Eu já tinha certo conhecimento, muito embora pouco e apenas teórico, mas era conhecimento. Os primeiros livros que me colocaram mais em posição de esquerda, apesar dos livros serem nacionalistas, foram os do Gondin da Fonseca. Os livros foram uma descoberta porque falavam do nacionalismo.

Entre no Partido Comunista Brasileiro em meados dos anos 60. Eu tinha aquela tendência, a tendência pequena burguesa de querer fazer a revolução como os cubanos fizeram. Achava que pegar a arma, o fuzil faria a revolução. Entrei no Partido meio descontente com a posição política e a luta que deveria ser feita através do voto, não de uma revolução armada. Eu estava descontente, mas participava. Participei inclusive da campanha da legalização do Partido Comunista. Nessa época, tínhamos uma mesa no Café Central, estávamos eu e o Jarbinhas fazendo a campanha para recolhermos assinaturas. Eu estudava no Colégio Dom Bosco, passaram alguns padres e os chamei para assinarem pelo reconhecimento do partido, pois naquela época os padres eram bastante reacionários. Esse fato foi a gota d'água. Imediatamente quando cheguei à escola me deram uma carta dizendo que seria melhor que eu conseguisse outro lugar para estudar. Isso no Colégio Dom Bosco, que era considerado o colégio mais reacionário da época.

Os revolucionários, as pessoas de esquerda estudavam em colégio estadual, estavam no Lyceu de Goiânia. Após, me transferi para o Lyceu. Participei de vários movimentos estudantis na capital. Tínhamos uma atividade intensa, campanhas contra aumento de ônibus; participávamos de várias greves que a UGES promovia. Inclusive, aconteceu, se não me engano, uma greve de ônibus. Nós paralisamos os ônibus e eles vieram pra cima de nós. Jarbinhas também participou dessa greve.

Aconteceu também à invasão da UGES, e nós resistimos à invasão.

Eu tinha aquela ânsia pequena burguesa de fazer a revolução, achava que fazer revolução era muito fácil, era só pegar o fuzil, subir e tomar o poder. Achava isso, às vezes por falta de conhecimento, muito embora já houvesse lido alguns livros marxistas, livros de Lenin, Hegel. Eu tinha tendência a querer realizar as coisas na forma mais rápida possível, que é uma tendência burguesa.

Logo depois aconteceu um congresso de trabalhadores aqui em Goiânia. Foi nesse congresso que comecei a ficar na dúvida, comecei a perceber que a luta pelo Socialismo estava muito pacata, tudo pelo voto, comecei a achar que daquela maneira não iria dar certo. Eu achava que para a tomada do poder deveríamos agir de forma mais violenta e que sem a tomada do poder total não haveria possibilidade de construirmos o Socialismo. Nesse mesmo período estive aqui em Goiânia, João Amazonas. Com a vinda dele comecei a achar que o posicionamento do PCdoB era um posicionamento mais revolucionário, passei então para o PCdoB.

Eu já havia participado do Partido na juventude, fazia parte da OB do Colégio Lyceu de Goiânia. Quando o secretário do PCdoB esteve em Goiânia, estavam todos mais ou menos migrando para o PCdoB: o Tarzan, o Elio, o Divino que foi um companheiro morto na Guerrilha do Araguaia, o James Allen, o Jaime e o Aldo Arantes que era de Anápolis, mas sua militância estava acontecendo mais em São Paulo e no Rio.

Existiam várias siglas na época, tinha a POLOP, cada uma querendo no seu modo e seu pensamento fazer a revolução. Existiam os Trotskistas, havia vários tipos de grupos e pensamentos. Foi isso que muito influenciou, principalmente no PCdoB. Organizávamos em Goiânia várias e constantes reuniões.

## **TIRO DE GUERRA DE ANÁPOLIS**

Os partidos estavam organizando os grupos militares, eram grupos como os “Marxis” na França, que eram grupos de cinco, grupos fechados sem relacionamento com outras pessoas. Eu, o Daniel Ângelo, o Belmiro, que pertencíamos mesmo ao Partido, e outros que estavam no Partido, mas haviam entrado recentemente, organizamos o assalto ao Tiro de Guerra. Achamos que havia a necessidade de nos organizarmos para isso, pois não tínhamos armas; achávamos que tínhamos que tomar essas armas em um lugar mais fácil. Fui para Anápolis, fiz um levantamento e tomamos as armas lá. Foram sessenta e seis fuzis; eram sessenta e cinco mais um que era nosso, sessenta e seis. Conseguimos munições, granadas para serem recuperadas, cunhete de balas, telefones de campanhas, cintos, baionetas e transportamos tudo em um carro para Goiânia. Os fuzis, do tipo 1908, eram às vezes criticados, mas não significava que eles eram de 1908. Eram fabricados em Itajubá e até hoje é utilizado em demonstrações no DGP em Brasília; eram fuzis de cinco tiros da Guarda Presidencial. Falavam que eram fuzis que não atiravam, mas esses eram os utilizados.

No Tiro de Guerra não havia ninguém, era um Tiro de Guerra com as portas e paredes bastante reforçadas. O sargento morava pelas redondezas, mas no Tiro não havia ninguém. Nós entramos, assaltamos e colocamos os armamentos dentro do carro. Havia tido um planejamento anterior, fui antes várias vezes para estudar como aconteceria. Nessa ação não houve ninguém ferido.

Esse assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis provocou um aceleração da intervenção no Estado de Goiás. Goiânia já estava praticamente cercada. O Mauro caiu no dia 26 de novembro, logo após o assalto, que aconteceu no dia 13 de novembro, em uma sexta-feira. Fomos todos presos quase que imediatamente, por falta de experiência. Uma das pessoas que participou da ação era parente de um policial e, para não ser preso e julgado, nos denunciou.

Os armamentos e objetos trazidos ficaram na Avenida T-30, que ainda era puro mato, na casa de Belmiro. Por que isso? Porque quando efetuamos esse assalto era para ser uma reação em cadeia. Outro grupo pegaria essas armas e realizariam outros assaltos, que nós não sabíamos quais eram.

Mauro Borges escreveu em seu livro, até tenho o livro dele aqui, que esse assalto ao Tiro de Guerra teria sido comandado por Riograndino Krueel, mas ele não tinha nenhum envolvimento com o acontecido. O assalto foi organizado pelo PCdoB. Belmiro, que também participou, teria ligação com uma pessoa por causa da venda de umas terras, que ele era primo de uma fulana. Mas Riograndino não tinha nada a ver com isso. Mauro foi muito apressado para escrever seu livro. Muitas vezes estive perto dele, mas gostaria de ter a oportunidade de falar que há passagens que não tem nada a ver, muito embora tenha sido um fato que o tenha prejudicado. Foi uma coisa que acelerou a intervenção. De fora, para quem lê o livro, tem se a impressão de que ele está certo.

## **PRISÃO**

O assalto foi realizado de 13 para 14 de novembro, por volta da meia-noite. Escolhemos um horário em que as pessoas estivessem dormindo. Fomos presos imediatamente na segunda-feira, dia 15. Naquela época eu morava em um prédio na Rua 4, pararam aqueles fuscas pretos e brancos e me prenderam. Fui o último a ser preso. Belmiro e os outros já estavam na cadeia. Foi uma ação muito rápida. Ficamos presos na Casa de Detenção e com a ocupação de Goiânia fomos transferidos para o 10º BC.

Quem decretou nossa prisão foi Rivadávia, que era secretário de Segurança Pública; e quem executou minha prisão foi o Rodovalho que, se não me engano, era delegado em Catalão. Não houve violência na minha prisão. A polícia goiana foi a responsável pela nossa prisão. Imediatamente após a intervenção fomos transferidos para o 10º BC, onde já estavam nos esperando. O Major Sidônio foi o responsável pelo nosso inquérito.

Já falei, mas vale à pena frisar que esse assalto ao Tiro de Guerra acelerou a intervenção no Estado de Goiás. Podemos ver nos jornais, nas manchetes da época, que esse assalto acelerou bastante o processo de intervenção no Estado.

Estávamos presos no 10º BC e ouvíamos os voos rasantes em Goiânia. Estava aqui aquele que participou quando não queriam dar a posse a Juscelino Kubitschek em Jacareacanga, tenente Veloso. Ele pegou nosso depoimento com todos em volta, em uma cadeira giratória, cada um fazia uma pergunta querendo saber o que estava acontecendo e o que havia acontecido.

Depois desse assalto, quando viemos para Goiânia procuramos companheiros, não irei citar nomes, que correram e disseram para que não os procurassem. Ficamos praticamente na mão. Fomos presos imediatamente por falta de apoio, porque se tivéssemos tido apoio essas armas poderiam ter ido para outro lugar. Faríamos uma sequência; outro pessoal iria fazer a

distribuição. Falava-se muito na época das armas do governador do estado de São Paulo, Ademar de Barros, mas essas armas nunca chegavam aqui.

Mauro Borges no início estava colaborando com o golpe, muito embora dentro de seu governo houvesse muitas pessoas de esquerda. Mauro depois mudou sua posição. Queriam que ele demitisse o pessoal, e ele não demitiu. Aí já começou a perseguição, querendo sua substituição, que aconteceu no dia 26 de novembro.

Estávamos presos no 10º BC e fomos transferidos para Brasília. Posso dizer francamente que não fui torturado. Basta ser preso para que seus direitos sejam cerceados, os métodos de recolhimento de depoimentos, não nos deixavam dormir, mas torturado de fato não fui e não posso dizer sobre isso. Saindo daqui fomos para a PE - Polícia do Exército em Brasília, eles manobravam aquelas automáticas, faziam ameaças, mas não passou daquilo, não chegava a ser uma tortura. No 10º BC, lá sim teve pessoas com problemas muito sérios, como o Paulo Gútico; mas ele não era do partido. O prenderam aqui em Goiânia. Foi uma pessoa que sofreu demais, ele tinha problema mental. Estava conosco, queimava o corpo todo com cigarro, bebia água da privada, quando defecava passava no rosto. Judiarão demais dele. Pelo que eu sei através dos jornais, ele não aguentou as torturas. Ele era polonês, seu pai era russo e foi meu professor, e sua mãe polonesa.

Fui preso em novembro e fui solto em março. Fiquei preso por quatro meses mais ou menos. Saí com o habeas-corpus que eu redigi. Naquela época havia presos que estavam redigindo seus pedidos de habeas-corpus direto para o Superior Tribunal Militar. Tínhamos um advogado, que era o Dr. Rômulo, mas o meu veio mais rápido porque eu já havia solicitado antes. Ele chegou a fazer a solicitação também, mas saí com o meu pedido. Naquela época o pessoal ainda estava fazendo, como estava no início, eles ainda estavam aceitando.

Daquelas quatro pessoas que participaram comigo do assalto, sei que o Belmiro foi preso, mas não sei quanto tempo de prisão cumpriu. Duas delas que haviam entrado muito recentemente no partido, me parece que foram anistiados pelo Exército por colaborarem com o DOPS. Daniel Ângelo cumpriu bastante tempo de prisão no CEPALGO, conseguindo fugir depois, mas continuou no Brasil.

Fui preso em 1964, saí em 1965. Depois que saí da prisão em Brasília, fui para Ceres onde viviam meus pais. Logo depois que saí, vieram o Capitão Fleury, o Thompson e o Garcia para colherem um depoimento meu. Fiquei com medo pensando que poderia ser alguma coisa, porque até então eles não sabiam que o assalto ao Tiro de Guerra tinha sido feito pelo Partido Comunista do Brasil, achavam que tinha sido organizado por um grupo de estudantes. Com a prisão de outros companheiros fiquei com medo de algum deles ter me identificado. Eles me perguntaram se eu estava pronto para ir para a China. Identificaram que eu era do PCdoB em 1965; identificaram minha ligação com o Gerson, com o Tarzan e com esse pessoal todo. Havia um pessoal que já havia ido para a China. Foram a Ceres, me prenderem por um dia para colher o depoimento e me soltaram. Logo depois voltaram de novo para me prender. Quando percebi fui imediatamente embora. Fui para o Uruguai, os Tupamaros estavam em luta e foi muito difícil manter contato com o pessoal. Fiquei pouco tempo por lá e fui para a fronteira. Fiquei em Livramento, ali tinha o partido e fiquei na casa de um companheiro. De Livramento fui para o Rio de Janeiro, mais ou menos no final de 1966.

No mês de setembro, em 1967, me encontrei com Marcoantônio Dela Corte. Nessa época eu já estava condenado à revelia. Tentamos nos ingressar na embaixada do México, pois na embaixada do Uruguai não havia mais vaga, já estavam o Tarzan, o Gerson, James Allen, que estavam até dormindo na garagem da embaixada. Tentamos pedir asilo na embaixada no México. O que fizemos? Batemos na porta, o mordomo abriu a porta um pouquinho, nós a empurramos, quase que arrebentamos com a porta, o mordomo caiu sentado e invadimos a embaixada. Éramos eu e Marcoantônio, mas havia mais brasileiros na embaixada. O embaixador ameaçou chamar a polícia para nos tirar de lá, fez uma ameaça violenta, mas nós tentamos e fomos ficando. Pegou o Marcos para conversar, depois conversou comigo em separado, não queria de forma alguma nos dar asilo. Continuou com a ameaça de chamar a polícia. Se a ameaça se confirmasse estaríamos liquidados; eu principalmente, pela ousadia de tomar as armas em Anápolis. Ele ofereceu um carro para nos tirar de lá e nos deixar onde quiséssemos. Mas pensem bem, eles podiam nos largar e ligar para a polícia avisando que estavam nos deixando em tal lugar. Fomos muito ingênuos.

Depois desse acontecimento, em 1967, eu estava em contato com pessoal do partido e consegui uma passagem para Paris. Consegui todos os documentos legalizados.

Minha primeira condenação foi em 1967 à revelia, na 11ª Região Militar, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

## EXÍLIO

Fui para Paris, fiquei um tempo por lá. De lá fui para Moscou, onde fiz o curso.

Aqui estávamos sob uma mira, vivíamos uma grande pressão, e pelo fato de eu ter assaltado o Tiro de Guerra a pressão era ainda maior. Não foi um movimento, porque no início às vezes o pessoal do partido era preso e nem torturado era. O assalto ao Tiro foi uma afronta às Forças Armadas, à instituição aqui.

Quando consegui sair do Brasil, senti um grande alívio. Fui muito bem recebido na ainda União Soviética. Fui recebido de tal forma que compensaram certas coisas. Mas apesar de tudo você fica com aquela vontade de retornar à pátria de origem. Mas tenho certeza que se tivesse ficado aqui no Governo do Médici, que foi o governo mais violento da época, eu não estaria aqui vivo e falando.

Em Paris fiquei por volta de um mês, e fui para Moscou. Chegando a Moscou, fui para a Escola de Quadros do Partido, fiquei um ano na escola estudando Marxismo e teorias. Depois do término da escola, consegui a transferência para Kiev para fazer geologia. Meus conhecimentos de Matemática, Física e Química estavam muito fracos e eu queria fazer o instituto, que era um curso superior. Fui então para o técnico de Geologia, estudando em Kiev onde fiquei por praticamente um ano. Nesse período de um ano, eu já havia conhecido a Maria que morava em Moscou e fazia Medicina; pedi a transferência para Moscou. Em Moscou ingressei no Instituto de Geologia, agora em um curso superior. Na Rússia, instituto era o mesmo que faculdade aqui no Brasil. Lá existem faculdades também, mas os institutos tem a mesma equivalência. Ingressei no Instituto de Geologia, próximo à Praça Vermelha. Estava estudando, tinha muita dificuldade com Matemática e outras matérias. A Maria conseguiu professor particular e com muito custo superei e concluí o curso de Geologia. O curso durou cinco anos, terminei o curso que era de Geologia e Engenharia. Era engenharia de

construção de minas, barragens e de galerias de exploração de minérios. Depois da conclusão desse curso, retornei ao Brasil.

Durante esse período mantive contato com o Gregório Bezerra e com a família de Prestes. Cheguei primeiro que Prestes, mas ele foi logo depois; estava na França, depois foi para Moscou. Gregório Bezerra foi, naquela época do sequestro, para Cuba; e de Cuba foi para Moscou. Eu tinha muito contato com eles em Moscou, no exílio.

Quando terminei o curso, em setembro de 1975, viemos eu e Maria para o Brasil. Tínhamos um acervo de livros, quadros, uma grande quantidade de discos de músicas clássicas, e os despachamos por navio. Temos até alguns desses livros aqui, mas a maioria foi tomada. Chegamos em setembro de 1975. Minha grande alegria foi ter me formado juntamente com a Maria, voltado ao Brasil e poder começar a trabalhar; ela se formou em Medicina, doenças tropicais.

Tínhamos o sonho de poder fazer algo pelo país, mas quando chegamos, ainda sob o regime militar, sob um regime de perseguição, a vontade era de voltar. Na ânsia de poder trabalhar fui para São Paulo e publiquei anúncios no jornal O Estado de São Paulo para aqueles que estivessem à procura de um geólogo me encontrarem. Eu podia trabalhar, mas não como geólogo e sim como técnico, pois eu não tinha diploma reconhecido. Em novembro recebi uma carta comunicando que a mudança de Moscou havia chegado e fui para São Paulo. Era mais ou menos 15 novembro de 1975, eu fiquei uns três dias em São Paulo e fui para o Porto de Santos. Nesse período parecia que já estavam me esperando por lá. Fui sequestrado, preso e levado para a antiga Polícia Marítima. Na Polícia Marítima começaram as torturas, mas foi algo mais leve, não foi como no DOI-CODI. Começaram a dar socos, a fazerem perguntas sem muito interesse pelas minhas repostas, queriam mesmo era torturar. Logo depois fui transferido para o DOI-CODI, me levaram algemado, encapuzado, e começaram as torturas.

## **TORTURA**

No DOI foi como se estivesse entrando no inferno, um inferno de torturas. Eles o levavam para uma sala, deixavam sem roupas, jogavam água e sal e o colocavam amarrado em uma cadeira pesada de zinco. Amarravam fios nos órgãos genitais e nos dedos. Torturavam dando choque; a cadeira era tão pesada que tremia e os dentes se contraíam. Eram choques violentos, uma sensação terrível. Ainda pior era quando colocavam os fios dentro do ouvido, era como se estivesse levando uma pancada de bigorna, um barulho que o faz desmaiar. Desmaiava e eles vinham dando socos no diafragma para que você começasse a voltar a si para continuarem. Nessa primeira sala, que eles chamavam de sala de visitas, eles não queriam saber de informação nenhuma; nem do seu nome, pois perguntavam e quando ia responder eles vinham com o choque e você não conseguia mesmo responder, pois o corpo tremia todo. Isso foi no início, depois o colocavam em uma cela de 1.20m, com um colchão e um vaso sanitário, daqueles que ficamos de pé, toda escura com apenas uma tampinha que eles chamavam de X1. Colocavam lá e a partir disso não lhe deixavam dormir, era a noite toda pegando depoimentos. Percebi que eram três equipes, equipe A, B e C que recolhiam os depoimentos. Você fica encapuzado, mas quando saía dava para ver um pouco da sala, era uma sala acolchoada, protegida acusticamente.

A primeira equipe pegava o depoimento, esses depoimentos eram repassados para a outra equipe que o analisava e formulava outras perguntas; a terceira equipe às vezes nos mandava

redigir e contar coisas sobre a história. Eles me perguntavam muito sobre minha participação no assalto ao Tiro de Guerra.

Por ainda estar falando muito a língua russa, geralmente me chamavam de agente da KGB. Fui preso no período do Governo Geisel, e nesse governo havia uma divergência. O Frota e o D'Ávila, o segundo comandante do Exército em São Paulo, estavam em divergência, queriam que prendessem os comunistas. Manoel Fiel Filho foi torturado e morreu na época em que eu estava lá no DOI-CODI, ele não aguentou as torturas. Era difícil aguentar as torturas, principalmente os choques. Eles já estavam especialistas, quem iniciou tudo foi a OBAN, depois veio o DOI-CODI ainda mais aperfeiçoado, com o Fleury e o pessoal.

Fui preso em meados de novembro e fiquei no DOI até o final de dezembro, sei disso porque li algumas coisas, pois eu estava praticamente transtornado. No inferno do DOI eu ainda estava consciente nas torturas, eu ainda mantinha a consciência, muito embora viesse sofrendo. Fiquei mais ou menos de novembro até o início de janeiro sofrendo com as torturas. Depois fui transferido para o DOI de Brasília, quando começaram as torturas psicológicas. Aí fiquei louco, completamente fora de mim. Usavam o método de prisão fechada com calor, frio, luz acendendo, água pingando, ouvindo coisas. Eles dividiam o dia em quatro. Como faziam isso? Mexiam com o nosso psicológico: a luz ia esfriando, esquentando, traziam o café, a comida, mesmo que você não comesse. Iam fazendo isso até você ficar sem ter noção. Quando estamos presos olhamos para as unhas, cabelos para termos ideia do tempo que estamos ali, mas passado um certo período você perde a noção. A vida já não tem mais valor, você só pensa em outra coisa. Você pensa que não tem mais valor, você vira um rato de laboratório. Por isso, quando fazem os testes, imediatamente matam os ratos. Nós ficávamos daquela forma.

As torturas físicas, você está consciente e vai suportando; às vezes chega a um estágio que você não mais suporta; inclusive, a primeira vez que tentei suicídio foi em São Paulo. Mas as torturas psicológicas são piores, para mim foi um martírio. Às vezes não conhecia nem mais a família. Eu ficava mudo, não tinha condições de falar. Eu estava em um delírio, ficava delirando, ouvindo os julgamentos. Eles conseguiram que eu me tornasse uma pessoa sem consciência, como se fosse um bicho qualquer. Uma pessoa que não raciocinava, não fazia nada. É até difícil explicar a situação em que me encontrava, me tornei de certa forma inconsequente.

Quando fui transferido de Brasília para o CEPAIGO, se tivessem me colocado junto aos presos comuns, acho que eles não me aceitariam. Foram os companheiros que trataram e cuidaram de mim; ficaram me vigiando 24 horas para que eu não fizesse nada. No DOI-CODI, em São Paulo, eu não estava mais aguentando as torturas; peguei fios, descasquei, coloquei junto ao meu corpo e desmaiei. Não sei o que fizeram comigo depois, pois não vi mais nada. Em Brasília nos deixavam pelados, mas havia uma meia e eu tentei suicídio com ela, mas a meia arrebentou. Já no CEPAIGO também tentei suicídio com um fio.

Minha esposa estava em Goiânia, não falava português, apenas russo. Por orientação do Dr. Rômulo, advogado, ela não podia sair. Ficava sempre dentro de casa, estava grávida esperando o Daniel, meu filho. Ela não podia sair, pois estavam ameaçando de deportá-la. Ela de tão desesperada chegou a ir à embaixada da União Soviética, mas o embaixador não podia interferir nas questões internas do Brasil, a única coisa que ele poderia oferecer era a passagem de volta. Ela preferiu ficar por aqui e esperar as consequências. Ela ficou sem saber



o que fazer, muito embora soubesse do meu caso no Brasil, do perigo que corria. Foi muita ingenuidade minha ter vindo e não ter ouvido os companheiros que diziam que era melhor esperar pela anistia. Naquela ânsia, eu não esperei. A Maria não falava português, era uma grande dificuldade, ela estava grávida e eu não tive condições de ficar e dar assistência a ela. Ela ficou solta, muito embora minha família tivesse dado uma grande assistência. Meus irmãos Zequinha e Jeová, e minha mãe deram assistência e ela. Ela ficou no Brasil e passou por muita dificuldade pela assistência que eu não pude dar por estar preso. Fiquei preso por quase dois anos, de novembro de 1975 a 17 de junho 1977.

(Fala da filha de Neso: A partir do momento em que minha mãe ia até a prisão, e que o senhor podia receber visitas, o senhor não reconhecia o bebê, falava que era um travesseiro.)

O que ela disse é verdade. Eu não me lembrava e pensava que a Maria estava fingindo, achava que ela estava com um travesseiro e cheguei a falar isso. Às vezes eu falava, às vezes não; eu estava mudo, eu via coisas, eu não reconhecia as pessoas, achava que todos eram espiões, fiquei transtornado, foi um período muito difícil.

Voltando atrás um pouco, quando eu estava em Brasília me pegaram, eu estava transtornado, me jogaram um balde d'água, cheguei molhado com os guardas. Eu procurava um lugar para pular, queria pular do prédio, para mim já não tinha mais sentido. Eles me vigiavam, pois sabiam da reação que poderia ter. Fiquei em Brasília por um mês, mas é como se tivesse ficado por um ano. Logo depois fui transferido para o CEPAIGO, cheguei lá como um bicho, não parecia um humano, estava transtornado, não sabia como eu havia vindo, que transporte havia me trazido. Minha sorte é que no CEPAIGO havia presos políticos, estavam o Abrão, que era médico; o Tibúrcio, o Elias, o jornalista Wilmar Alves, vários comunistas de Anápolis, de Goiânia e vários companheiros. Estava o secretário do Partido, o Bailão.

O CEPAIGO para mim foi o paraíso, os companheiros me trataram muito bem. Eu havia chegado como um louco, transtornado, tentei até suicídio. Eu não aguentava, eu estava ouvindo conversas, mesmo depois de ter saído das torturas de Brasília eu ouvia constantemente os julgamentos, tinha visões. Goiânia para mim não existia antes, era uma cidade nova. Eu não falava, chegava a Maria para a visita e eu não falava. Ela chegava com o Daniel, que era pequeno, eu não dava valor no Daniel, não dava valor em ninguém, era uma situação estranha. Demorou muito para o começo de uma melhora. Quem muito me ajudou foi o Abrão.

Conseguiram me tirar da CEPAIGO e me levaram para uma clínica psiquiátrica para que me receitassem os remédios, inclusive ainda existem as receitas que passaram pra mim. Aos poucos fui melhorando, mas mesmo depois que saí da prisão fiquei muito tempo me reabilitando. Não tenho vergonha de contar isso porque foram reais as reações que tive. Podem achar que era covardia, mas o que eu sentia era que eu não tinha mais valor. Achava que não tinha mais valor, que não tinha mais ninguém, que não tinha mais família. Eles o colocam de tal forma que se lhe soltarem, você morre. Você entra debaixo de um carro, ou faz qualquer coisa, como tiveram presos políticos que fizeram. Saíram e morreram, como o Padre Tito em Paris. O impressionante é que mesmo após muito tempo, você pode reparar na minha casa, não se tem chaves nas portas, eu não fecho as portas. Aqui é uma exceção, mas não fecho a casa, deixo tudo aberto. Tenho o maior pavor e medo de lugares fechados. Isso por causa das prisões. Quando assisto filmes que mostram cenas de torturas, logo desligo; não posso ver. Tenho pesadelos constantes, eu grito. Sempre tenho pesadelos com a polícia

correndo atrás de mim. Quando saí da prisão, eu não podia ver polícia, até as de trânsito eu achava que era um perigo para mim.

Eles conseguiram me deixar transtornado, tenho a impressão que usaram até algum produto, pois quando cheguei ao CEPAIGO eu estava com um cheiro característico de produto químico. As torturas tiveram uma influência muito grande na questão da irritabilidade. Tenho marcas das torturas; tenho até hoje as marcas da cadeira de dragão. Jogavam sal e você se movimentava, muito embora estivesse amarrado. Jogavam o sal para a condução da energia. O assento era de zinco e com a movimentação o sal fazia feridas, e as feridas com sal era uma dor insuportável. Tenho marcas nas pernas e meus dentes são todos postiços, pois os dentes molares e pré-molares foram esmagados devido às contrações fortes, com tanta força os dentes quebravam. Tenho problemas de audição, diabetes, tenho muita irritabilidade, tudo isso é consequência desses acontecimentos.

Com relação a trabalho, eu tentei procurar emprego. A Maria trabalhava como médica no Hospital São Francisco e através do Dr. Hugo Frota conseguiu para mim um teste na SAMA para trabalhar como geólogo. Eu não tinha diploma, mas poderia trabalhar como técnico ou como auxiliar, mas quando viram meu currículo não quiseram nem conversar. Por quê? Porque ainda era 1977, logo que eu saí da prisão, e a anistia só saiu em 1979. Essas empresas estavam todas nas mãos de multinacionais que não queriam nem saber. Foi muito difícil. Fiquei esse período todo sem trabalhar. Eu tinha uma sociedade com meu irmão em uma loja de materiais de construção há muitos anos atrás e quando voltei continuei a trabalhar com ele. Eu não tinha condições de trabalhar nem como vendedor, eu estava todo desestruturado. Mesmo se eu conseguisse um emprego como geólogo seria bem difícil trabalhar, pois eu estava sem condições de raciocinar, de ler e entender um texto, e até hoje tenho dificuldades.

Ainda não havia comentado, mas fui condenado em 1972 a seis anos de prisão mais seis anos de medida de segurança. Fui preso em novembro 1975 e saí em 17 de junho de 1977. Fui o último a sair da prisão. Saí, mas fui perseguido, acredito que não só eu, mas também os outros companheiros, até 1985.

Fundamos aqui o Instituto Cultural Brasil-União Soviética e, então, meus passos estavam sendo vigiados. Quando o pessoal ia para Brasília, nos movimentos, fizemos aqui uma exposição de filmes russos.

Logo que tive uma melhora mantive ligação com Ala Prestes aqui em Goiânia, participava do movimento pela anistia, como o Marcoantônio e outras pessoas também participavam, e logo veio à fundação do Instituto.

O Gregório Bezerra assim que chegou ao Brasil veio até Goiânia e se hospedou na minha casa. Os telefones eram grampeados e, pela ABIN, sabemos como tudo era monitorado. Sabiam de todos os nossos passos, que eu iria para Brasília, que esperaria o embaixador na entrada, que o embaixador estaria aqui no Brasil. Claro que isso era mínimo para aquele governo. A anistia saiu em 1979, mas o SNI continuava a perseguir.

Hoje a direita está aí, os jornais como já havia falado; a Folha de São Paulo nem fala em anistia, pois na época ela colaborou com a fundação da OBAN entre outras colaborações. Você vê a imprensa nossa...

No Governo Geisel dava para entender que caminhávamos para uma anistia. Eu percebia isso. Já o comandante do Segundo Exército de São Paulo, general D'Ávila, o Frota, o Erasmo Dias, o Fleury, entre outros militares, eram a favor que se prendessem novamente os comunistas para que se justificasse o golpe. Na época em que estava preso, o DOI estava cheio de pessoas que já haviam sido presas e estavam lá novamente. Quando houve essa reação imediata de Geisel, isso beneficiou a todos que estavam lá, muito embora existisse a resistência lá dentro. Existia o grupo do D'Ávila que não foi eliminado de imediato.

## **ANISTIA**

Foi muito emocionante. Às vezes ficava incrédulo, pensando se realmente aconteceria esse reconhecimento. No julgamento da Anistia, dos Direitos Humanos, da Comissão de Paz eu estava muito aflito. O primeiro julgamento foi um julgamento que não participei, foi um acontecimento mais corriqueiro, e eu perdi. Fui ficando tenso e no segundo julgamento já estava sem esperança de conquistar a anistia, conquistar esse reconhecimento. Houve o julgamento, queriam me julgar e fui reconhecido como professor, pois havia sido professor da língua russa no Instituto Cultural Brasil-União Soviética - constava na ABIN que eu era professor e queriam me julgar como tal. Eu era formado em Geologia, minha profissão não era de professor. O relator havia pedido que me julgassem como professor, mas Lavonier, que era o presidente da Comissão da Anistia, não aceitou e disse que eu era geólogo, que havia chegado com diploma e que eu havia sido preso como geólogo. Nos documentos constava a prisão de um geólogo que estudou na União Soviética. Essa tese foi defendida e ganhou. Fui beneficiado como geólogo e passei a receber a pensão como tal.

Foi muito emocionante, havia várias pessoas no plenário que aplaudiram a mim e à Comissão. Companheiros como o Marco Antônio e João Silva estavam lá. Minha filha Maia estava lá. Fiquei muito satisfeito e contente com o julgamento. Esse julgamento aconteceu no final do ano de 2004. O importante não é a pensão, não é o salário, é o reconhecimento de que o Estado errou. Isso é o mais importante e o principal.

Sou a favor do julgamento dos torturadores. Para mim os torturadores não devem ser anistiados. Em lugar nenhum do mundo se anistia torturadores. Deve haver um julgamento dessas pessoas, eles mataram muitos, não só brasileiros, mas também italianos, argentinos, espanhóis que estavam na luta aqui e que morreram. Na Argentina e no Chile foram processados e condenados. No Brasil existe uma resistência, não só das Forças Armadas, mas também dentro do Congresso, dentro do Senado, pois lá está cheio de pessoas que não tem interesse. Na minha época tinha o comandante Ustra, que agora foi condenado; era torturador e não tem nada a ver com a Anistia. O Congresso e muitas pessoas acham que devem ser anistiados os dois lados.

Dizemos que vivemos sob uma democracia, mas vemos nos jornais, vemos constantemente situações que vão contra a nossa ideologia, contra o nosso posicionamento. A Folha de São Paulo na época dava cobertura aos torturadores, a Globo, O Globo, o Estado de São Paulo, toda a imprensa. Atualmente vocês podem ver o que o Opção faz conosco; e outros jornais também que não aceitam o posicionamento, não aceitam a anistia. Acham que a anistia não está correta e que não deveria ser feita dessa forma. Na Câmara dos Deputados e no Senado tem mais anticomunistas e pessoas com tendências de direita, em minha opinião. O Lula foi um presidente com muita dificuldade para realizar as ações, pois o Congresso não aprova os projetos. Melhorou, não está como na época da ditadura, um governo que impedia tudo. Não

podíamos nos manifestar, não podíamos falar nada; um livro de capa vermelha já era considerado um livro comunista; as perseguições a padres, a intelectuais, a escritores. Acredito que até hoje no Brasil ainda não há uma plena democracia.

Foi uma grande violência. Não estou comparando o número de mortes que na Argentina, no Uruguai, ou mesmo no Paraguai foi maior; mas no Brasil houve tortura, houve mortes e não só isso, houve um castramento. Hoje vemos a juventude que pouco se interessa pelos acontecimentos da época, acham muito maçantes. Observo nas universidades, quando acontece alguma conferência, o pessoal fica ouvindo, depois pega os livros e vai embora.

O golpe militar no Brasil conseguiu fazer com que até hoje as pessoas tenham resistência ao movimento. Quais movimentos existem hoje no Brasil? Há o Movimento dos Sem Terra, movimento dos trabalhadores, mas vemos que não há mais aquele movimento como antes. Está aí a UNE, que foi e é muito importante, que tem uma representante muito atuante. No meu entendimento a juventude atual pensa mais em música, em eletrônicos.

Na nossa época a atividade era muito grande. Queríamos fazer algo, queríamos mudar o mundo, queríamos transformar o mundo em um mundo diferente, um socialismo sem miséria, sem pobreza. Víamos que estávamos sendo castrados pelo imperialismo norte-americano, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento dos países socialistas como Vietnã, Coréia, Cuba. Cuba, à frente dos Estados Unidos, já era uma ameaça. Kennedy logo criou aquele programa “Aliança para o Progresso” e estava intervindo diretamente no Brasil.

O Golpe de 64 foi com apoio total do embaixador Lincoln Gordon, que assumiu que apoiou e fez a movimentação toda. As frotas dos Estados Unidos estavam perto. Onde nossos militares faziam cursos? Nos Estados Unidos, no Panamá, em Israel se aperfeiçoando cada vez mais em torturas. Quiseram logo eliminar o presidente do Chile, Allende, que era socialista. Caiu em 1973, ficando pouco mais de um ano na presidência. Hoje vemos que o imperialismo americano, o capitalismo está em crise, e acredito que o domínio deles não será eterno. Chegará ao fim como o Império Romano e Bizantino; como o Nazismo e o Fascismo também terão um fim, mas acredito que hoje ainda exista. O Congresso e o Senado estão cheios de pessoas daquela época, da Arena. Por isso se torna difícil fazer algo. Por que no Brasil ainda não se fez reforma agrária? Porque é muito difícil que isso aconteça nessa situação, nesse regime capitalista; e ainda mais difícil pelas pessoas que estão no Congresso e no Senado. Há muitos democratas, mas há uma grande resistência. Há pessoas que são contra a anistia.